

... In Americ

Terre in Brasile per gli Italiani

Nome in perpetua Libera Proprietade  
de Portugal e do Brasil

VELOC

# 150 ANOS

IMIGRAÇÃO  
ITALIANA  
NO RS

 **JORNAL Celeiro**

MAIO DE 2025

# Etnia peculiar, a italiana

Figura humana respeitável, o italiano. Sua sucessão hoje representa uma comunidade étnica inserida em momento histórico, a passagem do sesquicentenário da imigração no Rio Grande do Sul. Na verdade, uma etnia pautada por valores, de referência profundamente positiva na estrutura comunal, podendo-se encontrar este cidadão integrado na vida nacional cultivando as tradições avoengas ancoradas no chão que escolheu, ainda que raro, falando os dialetos das províncias italianas, de onde, há 150 anos, imigraram seus ancestrais.

Pelo que se evidencia, os imigrantes italianos e seus descendentes cumpriram (e continuam cumprindo) importante missão no Rio Grande do Sul. Deslocaram-se de um país então empobrecido acreditando edificar aqui um futuro promissor para si e seus filhos. Embrenharam-se em vastas áreas cobertas de florestas, terra amarga, muitas vezes, enfrentando enormes dificuldades. Porém, venceram estabelecendo um modelo agrário de caráter familiar, a policultura de subsistência.

A saga do sesquicentenário, todavia, também teve sua rugosidade. Muitos imigrantes pereceram na esperança de uma vida digna, vítimas da miséria e do abandono já ao darem os primeiros passos, dolorosos, portanto, no caminho da colonização e do desenvolvimento. Imigrantes hoje esquecidos, que a débil memória reduziu a lápides abandonadas em pequenos cemitérios, quando já não simplesmente apagadas para não prestarem-se de empecilho para as máquinas da agricultura tecnológica, que avançou pela lonjura de todos os quadrantes geográficos.

Agora, 150 anos depois da chegada, tempo de ressaltar a importância da etnia que influi o mundo que sonhou ao deixar a Itália. Homem peculiar, carregado de heroísmo, de solidariedade e de fidelidade a seus usos e costumes, como sua gastronomia, suas vibrantes canções, sua cultura, enfim.

# Os três pioneiros



Radaelli, Sperafico e Grippa

A saga da imigração italiana no Rio Grande do Sul tem nomes e rostos que ajudaram a construir os alicerces de uma nova vida em terras brasileiras. Três famílias detêm a condição de pioneiras nesse movimento, Stefano Crippa, Luigi Sperafico e Tommaso Radaelli. Vindos da Lombardia, região do norte da Itália, partiram de Milão em janeiro de 1875, cruzando 23 túneis ferroviários até o porto de Gênova, de onde embarcaram rumo ao Brasil. O destino era Nova Milano, hoje distrito de Farroupilha, onde chegaram em meados de maio daquele ano, dando início à colonização italiana em solo gaúcho.

Entre esses nomes históricos, Tommaso Radaelli, foi um dos precursores da vitivinicultura na região de Nova Milano. Sua

história de pioneirismo encontra continuidade em Três Passos, onde um de seus descendentes, Sandro Radaelli, atua como vereador e é o atual presidente do Centro Cultural Ricordi D'Itália — instituição



que mantém viva a cultura italiana no município e na Região Celeiro.

Fundado em julho de 1988, o centro étnico foi idealizado por

figuras como Hidaí Salvador Bordini, Ismael Dalagno, Alcides da Ross, Juvenal da Ross e Noredi Luiz Radaelli, este último também considerado um dos pioneiros no resgate das tradições italianas na região.

Atualmente, a entidade reúne cerca de 80 famílias associadas.

**“Buscamos manter viva a tradição das famílias italianas. Queremos retomar o convívio entre os descendentes, proporcionar uma maior interação e fortalecer os costumes que vieram com nossos antepassados”,** afirma Sandro Radaelli.

## Expediente

**Diretor:** ..... Renato Marodin

**Texto:** ..... Karine Vieira

**Revisão:** ..... Lúcio Steiner

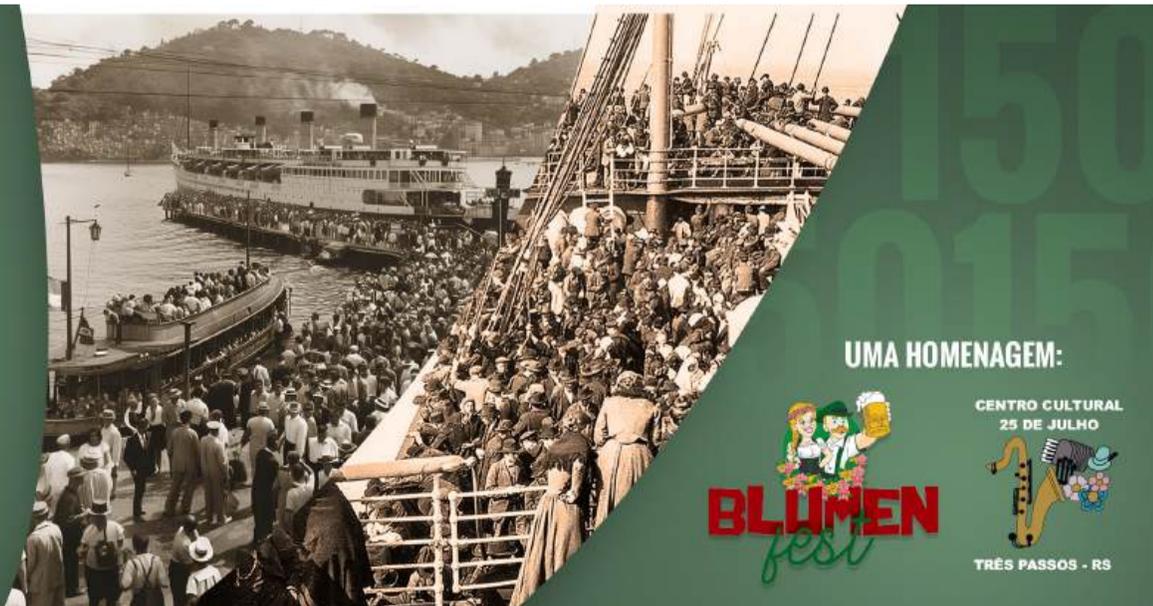
**Arte Final:** ..... Deivid Vargas

**Comercial:** ..... Marinês Ribeiro

# 150 anos

DA IMIGRAÇÃO  
ITALIANA PARA  
O BRASIL

Hoje honramos a coragem, o trabalho e a cultura dos imigrantes italianos que ajudaram a construir o Brasil com tanto amor e dedicação. **Sua herança vive em nossas tradições, na nossa gastronomia e no calor das nossas famílias.**



UMA HOMENAGEM:



CENTRO CULTURAL  
25 DE JULHO

TRÊS PASSOS - RS

# Saga italiana sesquicentenária no Rio Grande do Sul

**T**empo conturbado, o da Itália, naqueles anos do Século XIX. Sistema agrícola rudimentar, pressão demográfica, crises políticas e econômicas, as incertezas de futuro. As circunstâncias sombrias determinaram a que muita gente se sentisse estimulado a deixar o país.

Apontamento histórico coloca que teria sido uma manhã de janeiro de 1875 quando italianos embarcaram, amontoando-se sobre baús no veleiro, em busca do paraíso prometido pela propaganda imperial, do trabalho abundante, da terra própria, da libertação, finalmente, da miséria dominante na Itália. A terra da promessa: a Província de São Pedro do Rio Grande, onde bastaria cavar para que ouro aflorasse e enriqueceria a todos.

Depois daquela viagem difícil, durante meses singrando mares, embrenharam-se continente a dentro. Ambiente hostil, mato denso, caminhos tortuosos, quase impenetráveis, conduzem ao desconhecido, ao incerto, grande parte decorrência da falta de recursos e planejamento dos agentes da colonização para garantir suporte aos imigrantes. Simplesmente foram jogados na selva pelo império.

No arranjo comunal, todavia, o imigrante italiano apostou na sua capacidade de trabalho. Vencendo distâncias, sobrevivendo à pobreza, dominou a floresta, abriu clareiras, construiu casas e deu fôlego à roça de subsistência. Do esforço, conseguiu que a colônia se projetasse, irradiando desenvolvimento, por deriva, favorecendo o movimento da colonização pelo largo horizonte circundante e permeio do que se tornaria a região de Caxias do Sul, berço da imigração no Rio Grande do Sul, tendo o dia 20 de maio de 1875 como data de referência. Não há necessidade de insistir para entender a assertiva de que dali de-



Foto retrata a chegada e Italianos em terras brasileiras. (foto: mistobrasil.com)

rivariam outros arranjos comunais pelas longas distâncias que o correr do tempo permitiu desbravar.

Enfim, delineia-se que seus descendentes, bravos herdeiros dos valores ancestrais, potencializaram a sucessão das gerações percorrendo a longa corrente da vida. Hoje basta mergulhar no baú da memória para acessar a marcha sesquicentenária da gente italiana que deu feição especial ao Rio Grande do Sul pela

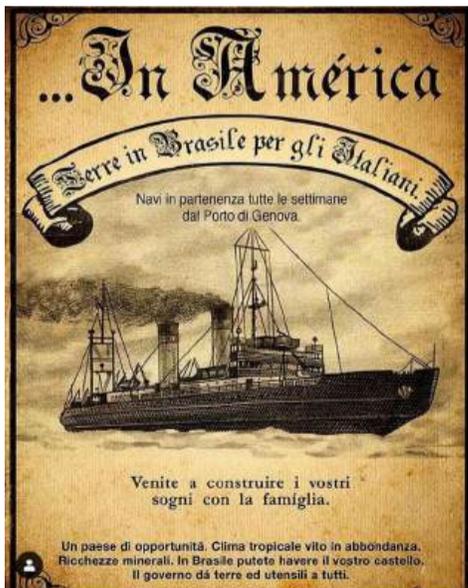
sua peculiar operosidade.

## Aquela difícil viagem

Depois da viagem difícil de entender e quase impossível de descrever, os imigrantes embrenharam-se pelas florestas. Ládio Luiz Girardi (*in memoriam*), padre, inclusive foi pároco em Santo Augusto, retrata com realismo a saga pelo Rio Grande do Sul na página 15 do seu livro *Memórias e Vivências*.

"Uns iam gritando como se fosse uma alegre aventura, enquanto outros seguiam tristes, definhando, com lágrimas no coração ou nos olhos. Começavam ter saudade da pátria italiana, onde haviam ficado parentes, amigos e muitos outros pedaços do próprio coração. Tremiam também pela dimensão desafiadora que lhes apresentava o ato de imigrar. Aquela difícil viagem, durante tantos dias, por mares e rios; e agora, embrenharam-se continente a dentro, em meio a natureza agreste, por caminhos tão precários. Experimentavam a sensação de estar indo

para o exílio definitivo, para uma reclusão da qual nunca mais poderiam sair. Sempre para frente, cada vez mais longe por caminhos tão rústicos, que demonstravam não permitir mais o regresso. Não havia mesmo como voltar e nem poderiam pensar em regresso. A sorte estava lançada. Sabiam que sua velha pátria ficara longe para sempre, mas nem por isso deixavam de ter, em seu íntimo, uma pequena esperança, embora os abatesse o duro sentimento de quem se afunda em distâncias irremediáveis. Mergulhavam num mistério sem retorno. Caminhavam para o desconhecido e o duvidoso. A cada passo, sentiam aumentar a distância do seu querido mundo, deixado no além-mar. Recantos simples e pobres, mas amados, por serem origem e sede do seu paraíso afetivo, apegado ao coração de cada um deles. Arrancaram de lá a vida e a vinham arrasando até aqui".



Cartaz com a propaganda para incentivar a vinda dos italianos. (Fonte: pesquisaitaliana.com.br)



Ládio Luiz Girardi, quando pároco em Santo Augusto.

# De Recoaro Terme para o Brasil, a imigração da família Frizzo

*Integrante da Academia de Letras do Noroeste do Rio Grande do Sul (Alenrio), Eugenio Frizzo (membro titular da cadeira 17) é descendente de imigrantes italianos. Residindo em Santo Augusto há quase 50 anos, o engenheiro civil dedica o tempo livre a pesquisas da sua genealogia. Aqui, parte do conteúdo reunido até então, que retoma a chegada da família Frizzo ao Brasil e à região*



Casal Giuliana e Giovanni Frizzo

No século XIX, ser proprietário de uma gleba de terras era algo difícil de se concretizar na Itália, o que levou milhares de imigrantes a serem seduzidos pela promessa de boas terras, com natureza abundante e condições favoráveis para o trabalho e o progresso, feita pelos agentes da Companhia Metropolitana de São Paulo, que os traziam para a chamada “La Merica”. Giovanni e Giuliana Frizzo, juntamente com seus quatro filhos — Giuseppe, Redenzio, Vito e Marcelina — aceitaram o desafio e partiram rumo ao desconhecido.

A família Frizzo, hoje com representantes em todos os continentes, resida, naquela época, em uma localidade interiorana a 2 quilômetros de Recoaro Terme, comuna italiana da região do Vêneto, província de Vicenza — lugar hoje localizado na Rodovia N99, km 2. Eles deixaram sua terra natal em meados de abril de 1882, com destino a Jaguari (RS), onde chegaram em junho do mesmo ano.

Segundo relatos, a bordo — gem aos interessados em emigrar para a América acenteia, normalmente, em igrejas,



Casa dos imigrantes da família Frizzo ainda resistiu ao tempo em Jaguari

atravessando o Atlântico até o Rio de Janeiro, onde chegaram na sexta-feira, 29 de abril de 1892. A viagem foi realizada a bordo do vapor SUD America, da La Veloce — Navegazione Italiana a Vapore. Havia, ao todo, 545 passageiros imigrantes, dos quais 476 viajavam na 3ª

classe, sendo 127 com destino ao Rio Grande do Sul. Historiadores explicam que “as famílias da 3ª classe viajavam em camas beliche instaladas nos porões do navio. Recebiam alimentação e acomodações precárias”.

“Com um número elevado de passageiros imigrantes, os passageiros, as condições sa-

por fauna e flora abundantes, com relevo plano — muito diferente das montanhas domínicas de sua terra natal”, resume o pesquisador.

A viagem foi demorada: percorrer cerca de 1.700 km em um barco a vapor de pequena potência, carregado de mercadorias, passagens e bagagens, era uma operação ariscada. A etapa final, a partir de Rio Grande, exigia a travessia da Lagoa dos Patos, de baixa profundidade e poucos canais definidos para navegação — sempre sujeitos a alterações após chuvas intensas.

Enfim, no dia 18 de maio (quarta-feira), sob garoa e temperatura fria, os Frizzo chegaram a Porto Alegre, onde ficaram abrigados na Hospedaria Geral de Imigrantes do Crystal, casa oficial do Governo do Estado para receber e encaminhar os imigrantes às colônias. Foi nesse momento que a

família tomou conhecimento de seu destino final: a Colônia de Jaguari.

A família permaneceu apenas um dia na capital gaúcha, partindo em direção a Rio Pardo (cerca de 130 km) no dia 21 de maio, em um pequeno barco a vapor. Chegaram ao destino no fim da tarde daquele mesmo dia.

Desembarcados no Porto de Rio Pardo, os imigrantes aguardaram o trem — principal meio de transporte de pessoas, animais e mercadorias — com destino a Cachoeira do Sul e Santa Maria, até que chegaram a Umbu. De lá, restava um trecho de 45 quilômetros a ser percorrido em dois dias, feito em uma carreta de bois até o espaço conhecido como Barracão do Imigrante de Jaguari (também chamado de Casa de Agasalho), onde a família permaneceu por

36 dias. Foi nesse local que Giuliana deu à luz ao pequeno Antônio, nascido em 4 de junho de 1882.

A viagem foi cercada de dificuldades, agravadas pelas condições climáticas: era o início do inverno, frio de maio. As estradas eram estreitas, caminhos entre matas e campos, e havia dois rios cuja travessia exigia o uso de barca.

## A INSTALAÇÃO EM JAGUARI

Mais de 91 dias após deixarem sua terra natal, na Itália, a família Frizzo chegou ao destino final. Corria o dia 30 de junho de 1892, uma segunda-feira. O lote nº 778, linha 11, núcleo da sede — aproximadamente 18 km de Jaguari, tendo como referência a localidade de Vila Jucapirama — passaria a ser seu novo lar.

Arnaldo Frizzo, neto de

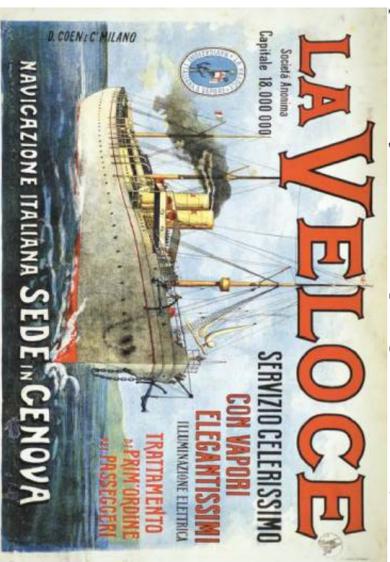
Giovanni, relata que “era um dia chuvoso e frio quando a caravana seguiu a cavalo e a pé. Conseguiram, com bruaças (espécie de sacos rústicos de couro presos a um cavalete de madeira, disposto sobre o lombo do cavalo), onde eram colocadas as mercadorias trazidas da Itália, para então darem início às primeiras edificações”.

## MIGRAÇÃO NO BRASIL

Decorridos 30 anos da chegada dos imigrantes, a maioria dos filhos, já adultos e com suas próprias famílias, iniciou uma nova etapa da saga: a busca por novas terras para garantir a sobrevivência das gerações seguintes.

Por volta de 1920, teve início o movimento dos imigrantes de Jaguari rumo ao Nordeste Gaúcho. Entre eles estavam Alfredo, Vito e Marcelina Frizzo, todos casados e com filhos. O caminho percorrido incluiu Santiago, Capão do Cipó, Santa Tecla, São Miguel das Missões, Catupe, Santo Augusto, Campo Novo e os rincões de Palmeira das Missões — município ao qual pertenciam, na época, os atuais municípios de Humaitá e Sede Nova, escolhidos pelos Frizzo como novo local de moradia.

Em 1950, chegaram os últimos membros da família Frizzo à região, liderados por Antônio, que migrou com toda a sua família — composta por 10 filhos, todos casados e com seus respectivos núcleos familiares.



Fonte: italianismo.com.br

Permaneceram na capital fluminense por 12 dias, para a regularização da situação burocrática. Posteriormente, seguiram viagem no vapor Rio Paraná, juntamente com mais de 161 contêrneos rumo a Porto Alegre, onde desembarcaram no dia 18 de maio daquele ano.

“Nessa etapa da viagem, os imigrantes tiveram o primeiro contato direto com o novo continente em que passariam a viver, observando a rica natureza, composta



Casa da família Frizzo em Recoaro Terme, Itália



**150 ANOS**

IMIGRAÇÃO ITALIANA PARA O RS

Família Frizzo

engenharia • arquitetura • urbanismo

RIA INDEPENDÊNCIA 110, SALA 24 • (51) 3781-1905

EMAIL: ENGENGEN@FRIZZO.COM

# Descendência italiana em Santo Augusto

Entre os valores humanos, que determinam reflexão sobre a ancestralidade, há os que fortalecem as raízes históricas. Eles nutrem a vida e a terra em que se nasceu, a mesma terra que algum dia nos recolherá.

Pois, da reflexão sobre ancestralidade e dos anais da imigração italiana, registros do professor Odilon Gomes de Oliveira (in memoriam 1940-2024), em seu livro Santo Augusto até 1940, colocam na estrutura comunal do município a presença da etnia. Ao longo das páginas desfilam genealogias carregadas de influência decisiva no desenvolvimento da comunidade de Santo Augusto, famílias pioneiras, entre muitas, Polo, Andrighetto, Baraldi, Speroni, Stival, Mattioni, Liberatto, Gobbi, Depiere, Gonzatto, Gubiani, Mariotti, Mocelin, Bertollo, Fucilini, Nicolli e Santi.

Aqui se permite permanecer restrito a dois personagens que de alguma forma exerceram relevância no desenvolvimento de Santo Augusto, sobretudo no campo educacional, André Baraldi como professor e Francisco Andrighetto como benfeitor. Sobre eles, importante ater-se para decupar particularidades.

## ANDRÉ BARALDI

Procedente de Jaguari/RS, entre outros, considerado colonizador pioneiro, André Baraldi despontou no cenário político e educacional de Santo Augusto pelo seu envolvimento em ações beneméritas. Nomeado professor municipal (então Palmeira das Missões) em 4 de outubro de 1926 e professor estadual no ano seguinte pelo esforço ao estruturar fundamentos para que os filhos da terra encontrassem suporte para a sua qualificação. Da deriva da primeira escola, desde 1922, utilizou os recursos disponíveis construindo o que se tornou a Escolinha do André Baraldi. Já corria o início da década de 1940 quando isso se concretizou, tendo por local onde hoje está a Praça Pompílio Silva.

O povoado ampliou suas deman-



André Baraldi



Professor André Baraldi diante do Grupo Escolar em 7 de setembro de 1942.

das, determinando necessidade de maior espaço, o que se tornou realidade pelo Decreto nº 3.838, de 5 de maio de 1941, chancelado pelo interventor no Estado, general Daltro Filho. A medida governamental resultou a que a Escolinha do André Baraldi se transformasse no Grupo Escolar da Sede.

Enquanto distrito de Palmeira das Missões, concessão obtida em 28 de outubro de 1928, o professor André Baraldi também exerceu a condição de sub-prefeito no final da década de 1930. Na mesma época, municipalizou a escola particular, obra de moradores da localidade de São Valentin.

Depois de exercer o magistério no distrito de Santo Augusto, tendo ali sido um dos primeiros professores a dar ensinamento a jovens da localidade, André Baraldi aporta em Campo Novo, em 18 de maio de 1943, assumindo como tabelião oficial do Cartório de Registro Civil. Também por Campo Novo, enquanto distrito, exerceu o mandato de vereador por duas legislaturas, representando a localidade no Poder Legislativo de Três Passos.

## FRANCISCO ANDRIGHETTO

Natural de Jaguari/RS, onde nasceu no dia 30 de setembro de 1898, ainda jovem, acompanhando os pais, veio residir na Linha 23 de Ajuricaba. Teve alguma permanência em Palmeira das Missões, onde se dedicou ao comércio. No ano de 1925 adquiriu propriedade em Santo Augusto (Boca da Picada), ali falecendo no dia 26 de agosto de 1978.

Profundamente ligado a movimentos sociais, políticos e religiosos, Fran-

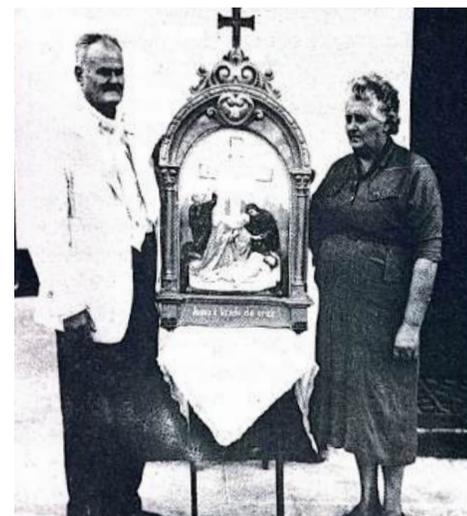


Escolinha do André Baraldi (de branco) em 1934.

cisco Andrighetto ajudou a construir a primeira capela do povoado e contribuiu com a construção da Escola Primária Santa Úrsula doando parte do terreno. Participou das diretorias que construíram o Grupo Escolar da Sede, o hospital e o Clube 7 de Setembro. Quando da emancipação político-administrativa de Três Passos, a partir de 1945, pelo período de 4 anos, exerceu o mandato de vereador representando Santo Augusto no Poder Legislativo.

Foi comerciante por mais de 30 anos. Posteriormente investiu no agrogócio, sempre com substantiva presença nos movimentos comunitários. No ano de 1960, assim que consolidada a emancipação político-administrativa de Santo Augusto, doou os terrenos para a construção da nova estrutura

do Grupo Escolar da Sede onde hoje se encontra desde 1962.



Francisco Andrighetto doou os terrenos para o novo prédio do Grupo Escolar.

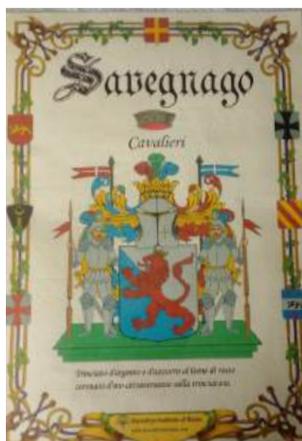
# Morador de Santo Augusto em busca da cidadania italiana

Buscar o reconhecimento da cidadania de um país estrangeiro é, para muitos brasileiros descendentes de imigrantes uma tentativa de retomar vínculos com a terra dos antepassados, valorizar uma herança cultural viva no cotidiano das famílias, e ao mesmo tempo abrir portas para novas possibilidades de vida, estudo e trabalho além das fronteiras do Brasil. O morador de Santo Augusto, Giovanni Savagnago, está entre os milhares de brasileiros que buscam o reconhecimento da cidadania italiana.

A conexão com a terra natal vem dos tataravôs Giovanni Baptista Savagnago, nascido em 1861, e Giuseppe Bianchi, de 1871, ambos oriundos da região do Vêneto, no norte da Itália.

“Temos uma vivência muito grande da cultura italiana. Então há um sentimento afetivo em poder ter reconhecida a cidadania, além de outras questões que ela pode ajudar”, destaca.

O desejo de obter o reconhecimento da cidadania italiana não é recente. A família já havia tentado, sem sucesso, reunir toda a documentação necessária pelo ramo da família Savagnago. A dificuldade residia na fragmentação dos registros civis no Brasil, devido às frequentes mudanças nos cartórios e à inconsistência de nomes, comuns nos registros antigos. “Antigamente os processos nos cartórios eram muito mais amadores e todos manuais, o que gerou algumas intercorrências que não



conseguíamos solucionar”, explica.

Foi somente após uma reviravolta familiar — quando uma prima se mudou para a Itália — que as chances se renovaram. Através do ramo Bianchi, por parte de sua avó, a família conseguiu reunir toda a documentação, inclusive a certidão de batismo de 1871, registrada em uma pequena



paróquia do interior italiano. Um feito que exigiu persistência e, como relata Giovanni, “alguns perrengues” enfrentados pela prima que hoje vive na Itália.

Com os documentos em mãos, a família aguarda a definição de uma nova lei em trâmite no parlamento italia-

no, que pode mudar as regras para concessão da cidadania. Caso não haja alterações restritivas, o próximo passo será a tradução juramentada dos documentos e o início oficial do processo junto à justiça italiana.

Para Giovanni, a cidadania representa pertencimento.

“Gosto muito da cultura e da língua, então seria um prazer. Mas penso, também, nas minhas filhas, que podem crescer sabendo que possuem outras possibilidades na vida. A cidadania pode facilitar no futuro questões de estudo, trabalho e moradia”, afirma.

## CUIDE DO SEU AUTOMÓVEL

Venha nos fazer uma visita, e trazer seu carro para ser bem cuidado, com a **TOPCAR**.

- ▶ CHAPEAMENTO
- ▶ PINTURA
- ▶ DESCONTAMINAÇÃO DE VIDRO
- ▶ DESCONTAMINAÇÃO DE PINTURA
- ▶ POLIMENTO COMPLETO
- ▶ REVITALIZAÇÃO DE FARÓIS ENTRE OUTROS

Avenida Angelo Santi, 835, bairro Industrial  
Santo Augusto/RS

 (55) 99942 5335

  
**TOPCAR**  
ESTÉTICA AUTOMOTIVA



# Ramificação da genealogia Grolli ainda viva em Três Passos

Há exatos 150 anos, os primeiros imigrantes italianos desembarcavam no Brasil, trazendo na bagagem poucos pertences, além de costumes, crenças, esperança e a determinação de reconstruir a vida em uma nova terra. Entre as milhares de famílias que atravessaram o oceano, a dos Grolli, originária da comuna de Cividate al Piano, na região da Lombardia, norte da Itália, deixou um legado que ultrapassa gerações. Hoje, essa história ecoa com força em Três Passos, no Noroeste do Rio Grande do Sul, onde descendentes como Orides Grolli, de 88 anos, seguem honrando as tradições herdadas dos antepassados com orgulho e afeto.

O patriarca Giuseppe Grolli, nascido em 1834, deixou a Itália com a esposa Giovanna Cavati e os filhos. Desembarcou no Brasil em dezembro de 1876, após embarcar no porto de Gênova no navio Savole e concluir a travessia no navio Werneck, que aportou em Vitória. Fixaram-se inicialmente em Boa Vista, atual município de Carlos Barbosa (RS), onde Giuseppe faleceu em 1907. Ao todo, o casal teve seis filhos, entre eles, Luigi Grolli, nascido em 3 de maio de 1872, ainda



Orides e Luiza Grolli

em solo italiano. Ele casou-se com Maria Bottini em 1905, em Garibaldi (RS), e juntos tiveram uma numerosa família — ao menos seis filhos e oito filhas. Luigi faleceu em União da Vitória (PR), em 1944, sendo sepultado em Porto Vitória.

Foi uma geração posterior a Luigi que trouxe o sobrenome Grolli para Três Passos. Em agosto de 1953, Albino e Maria Grolli chegaram ao município com os sete filhos — entre eles, Orides Grolli, hoje com 88 anos, ainda residente na cidade. A família se estabeleceu para trabalhar na então Três Passos - CIA Industrial de Alimentos e também adquiriu um pequeno hotel nas proximida-

des, oferecendo hospedagem a viajantes e trabalhadores que passavam pela capital da Região Celeiro.

“Ainda falamos pouco o italiano, por falta de costume, mas o vinho e a polenta à mesa não podem faltar”, conta Orides, entre risos, ao relembrar a infância e juventude marcadas pelas tradições herdadas. Ele também se recorda dos domingos animados, com futebol e partidas de bolão após a missa, vivências que fortaleciam os laços familiares e comunitários.

Membro ativo do Centro Cultural Italiano, Orides Grolli sempre participou do coral e das festas típicas, onde assu-



BORTOLO GROLLI - GIUSSEPE GROLLI - LUIGI GROLLI

mia com orgulho o comando da churrasqueira. “Éramos uma família só”, resume, ao falar da união entre os descendentes de

imigrantes da comunidade. Orides Grolli casou-se com Luiza Grolli, com quem teve dois filhos.

## O legado da Família Romanini

A história da imigração italiana no Brasil se entrelaça com a trajetória de famílias como os Romanini, cuja origem remonta à província de Vicenza, no norte da Itália. Foi ali que nasceram Cesare Romanini e Luiza Zanini, pais de Octaviano Romanini, que se casou com Joana Naibo. O casal gerou Zeferino Romanini, que mais tarde se uniu a Thereza Grando, dando continuidade à linhagem familiar.

Segundo os registros, Octaviano e alguns irmãos deixaram a Província de Trento rumo ao Brasil, mas acabaram se separando ao desembarcarem em São Paulo. Octaviano estabeleceu-se primeiro em Guaporé (RS), e posteriormente migrou

para Xaxim (SC), onde faleceu. Já Zeferino e Thereza fixaram residência no distrito de Engenho Velho, no município de Constantina, também no Rio Grande do Sul.

A conexão com Três Passos veio com a geração seguinte. Celso Romanini, hoje com 72 anos, é um dos descendentes que mantém viva essa herança. Casado com Iracema Konrad Romanini, com quem teve dois filhos, Celso relembra com orgulho o espírito empreendedor herdado da família. Seu pai, inicialmente agricultor, migrou para Três Passos e fundou o Mercado Romanini, um armazém que se tornou referência na cidade e permaneceu ativo por quase cinco décadas.



Celso e Iracema Romanini